



AS RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E RAÇA EM *A COR PÚRPURA*, DE ALICE WALKER: A CAMINHO DA DESCOBERTA DA FEMINILIDADE DE *CELIE*

Adeilson Pinheiro SEDRINS
Marcelo Amorim SIBALDO
Rafael Bezerra de LIMA¹

Resumo: Este artigo discute em linhas gerais as relações entre gêneros e classes sociais no romance *A cor púrpura* (*The color purple*, 1982), de Alice Walker, com intuito de mostrar, como transpassa por todo o romance, que é apenas na relação entre mulheres negras que se pode falar em cumplicidade, harmonia, pois de um lado a relação entre negros e negras é marcada pelo machismo e de outro, a relação entre negras e brancas é marcada pelo racismo.

Palavras-chave: racismo; feminilidade; sexismo.

Abstract: This article discusses in general lines the relationships between genders and social classes in the romance *The color purple*, Alice Walker, in order to show, as it passes over for the whole romance, that is just in the relationship among black women that one can speak in complicity, harmony, because by a side the relationship between black men and black women is marked by the sexism and by the other side, the relationship among black women and white women is marked by the racism.

Keywords: racism; femininity; sexism.

A experiência interior de uma mulher negra, por razões sociais, nenhuma mulher branca ou homem, mesmo negro, tem.

(MOTT, 1990, p. 53)

1. Introdução

Abrimos este artigo com a citação de Mott porque, a nosso ver, ela aplica-se perfeitamente ao romance de Alice Walker, *A cor púrpura*. Primeiro porque o romance, cuja autora é negra, trata da vida de mulheres negras americanas, seus sentimentos, anseios, prazeres, lutas, etc.; segundo, porque, como percebido no romance, se se pode falar em relações harmônicas entre personagens femininas, estas não se dão a nenhum momento entre brancas e negras e sim entre negras e negras. A partir dessas considerações, no presente

¹ Mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). sedrins@gmail.com, sibaldo@gmail.com, rafaelbdelima@bol.com.br.

trabalho pretendemos discutir/defender o que é afirmado por Mott (op. cit.), mostrando de que forma no romance se dão as relações entre negras e negros e negras e brancas.

É sabido que, predominantemente, nas sociedades ocidentais, há muito a condição da mulher foi extremamente marcada pela visão machista e reducionista que lhe conferia um lugar inferior em relação ao homem. Em relação às alterações ou busca de alterações dessa situação, Duarte (1990, p. 70) observa que

A ênfase do enfoque sobre a mulher nas diversas áreas de estudo é resultado direto do movimento feminista das décadas de 60 e 70, e pretendeu/pretende, principalmente, destruir os mitos da inferioridade *natural*, resgatar a história das mulheres, reivindicar a condição de sujeito na investigação da própria história, além de rever, criticamente, o que os homens, até então, tinham escrito a respeito (grifo da autora).

A obra de Alice Walker, em consonância com o que se vem buscando obter a partir das décadas de 60 e 70, conforme referido acima, representa uma busca da destruição desse mito de inferioridade *natural*, quando se propõe a denunciar a opressão da mulher negra americana. Não queremos, contudo, reduzir a obra de Walker limitando-a a uma denúncia dessa opressão. *A cor púrpura* explora a questão da opressão sexual e racial, da descoberta do prazer, da feminilidade, de diferenças culturais, da influência religiosa, sobretudo, apresenta um autêntico ponto de vista feminino, uma escrita da história da escravidão e do jugo feminino a partir da visão dos vencidos, uma proposta de liberação do corpo da mulher (cf. LOBO, 1990, p. 25).

2. Sobre as relações entre negros e negras

Conforme aponta Lobo (1990, p. 20) “durante a escravatura nos Estados Unidos, as mulheres eram, em primeiro lugar, trabalhadoras, e apenas em segundo, mulheres”. O resultado da opressão sentida pela negra durante a escravatura, vendida como gado em praça pública, a fez começar a desenvolver um conceito depreciativo de si mesma, não só como mulher, mas também como ser humano (cf. LOBO, op. cit. p. 21). Essa mulher que se vê inferior a si mesma tanto enquanto mulher, quanto ser humano é representada no romance pela personagem protagonista *Celie*, submissa a seu padrasto e a seu *Sinhô*, submetendo-se a todo tipo de humilhação, inclusive sendo objeto no qual estes fazem seus “*business*”.

A visão que os negros têm de *Celie* no romance, corresponde ainda aos preconceitos da época da escravatura: quando *Celie* é negociada pelo seu padrasto ao “*Sinhô*” os argumentos de que aquele se utiliza para “livrar-se da mercadoria” são referentes à sua “aptidão” ao trabalho: “*Ela é feia, ele diz. Mas num istranha trabalho duro*” (p.18); “*Ela trabalha como um home*” (p.18).

A feiúra de *Celie*, nesse universo de organização patriarcal, elimina a possibilidade de essa personagem ser encarada um objeto de desejo, enquanto uma representação de corpo sensual (diferentemente de como o é *Shug*, ou do que acontece, por exemplo, com o estereótipo da sensual mulata brasileira). *Celie* é um objeto de realização das “necessidades biológicas” dos homens: o padrasto a violenta por não ter condições de ter relações sexuais com sua mãe e não por sentir-se atraído sexualmente; Alfred, seu esposo, reserva seus sentimentos (de amor ou paixão) para *Avery*, amante antiga.

Bem mais do que uma submissão da mulher negra ao homem negro, *Celie* representa uma espécie de propriedade, para a qual, por parte dos homens, não se é dirigido qualquer

sentimento, são todos indiferentes, o que reflete aquela inferioridade da mulher negra, até mesmo como ser humano, apontada por Lobo em relação ao período escravocrata.

Mas o universo de *A cor púrpura* não é constituído apenas de mulheres negras submissas a seus senhores. A personalidade da personagem de *Sofia*, mulher negra que não se submete aos caprichos do fraco *Harpo*, seu esposo, mostra que dentro da estrutura familiar patriarcal, tal como concebida, não há lugar para uma não submissão da mulher ao homem: a saída para escapar da submissão do negro é separando-se dele, como o fez *Sofia*.

Por sua vez, quando o romance vai tratar das origens culturais do povo negro, através da viagem de *Nettie*, irmã de *Celie*, e de seus relatos sobre Olinka, na África, é mostrado que a questão patriarcal é presente também na cultura dessa região, onde as meninas não devem ser educadas (p.142). O ponto de vista sobre as mulheres, pelos homens das tribos, pode ser verificado na citação a seguir:

Nossas mulheres são respeitadas aqui, o pai disse. Nós nunca deixaríamos elas errarem pelo mundo como as mulheres americanas. Sempre há alguém para cuidar das mulheres olinkanas. Um pai. Um tio. Um irmão ou um sobrinho. Não fique ofendida, *Nettie*, mas nosso povo tem pena de mulheres como você, que foram tiradas de não sabemos onde e jogadas num mundo desconhecido onde devem lutar sozinhas, por si mesmas (p. 147).

A visão que a tribo olinkana tem em relação à mulher, conforme fica evidente na citação acima, é de que ela sozinha seria incapaz de se defender, de cuidar de si mesma. Um pensamento que vai de encontro com a idéia de mulher independente, atualmente difundida em sociedades ocidentais.

Para que a situação da mulher na tribo olinkana seja harmônica, deve haver a submissão desta para com os homens e elas parecem aceitar muito bem a realidade na qual vivem, seja por uma questão que, originada na cultural, tornou-se cômoda, ou ainda, seja pelo medo de terem que lutar por si mesmas. A citação que segue reflete um pouco a relação entre homens e mulheres na tribo:

Esses homens falam com as mulheres de um jeito que me lembra muito o pai. Eles escutam o bastante para dar instruções. Eles nem olham para o chão e dobram a cabeça em direção ao chão. As mulheres também não olham o homem na face como elas dizem, “olhar um homem na face” é uma coisa descarada. Elas olham para os pés ou os joelhos deles. E o que posso dizer sobre isso? Era também assim nosso comportamento na frente do pai (p.147-8).

Dessa forma, temos que, em todo o romance a relação entre negros e negras, apesar do traço racial que os prendem colocando-os de um mesmo lado em relação ao opressor branco, a figura masculina vê-se como protetora, detentora da mulher, que é incapaz de lutar por si só, não sendo suportada, no universo do romance, a quebra da submissão da mulher, de forma que, se essa quebra se dá, é devido ao fato de negro e negra não conviverem juntos, enquanto marido e mulher.

3. Sobre a relação entre mulher branca e mulher negra

Apesar de compartilharem de uma luta em comum, sua imposição na sociedade na busca de iguais condições entre homens e mulheres, a relação entre negras e brancas é marcada pela questão racial. A esse respeito, Lobo (op. cit. p. 22), retomando o trabalho de Beverly Guy-Sheftall, diz que “qualquer tentativa de ver negras e brancas como irmãs na opressão exercida pelos homens é falsa porque, durante a escravidão, as brancas exploravam as negras, como *ladies*, usufruindo do seu *status quo*.”

A mulher negra, além de enfrentar a submissão ao homem negro, procura iguais condições em relação à mulher branca. Essa situação que encontra explicação nas marcas históricas do modelo escravocrata nos Estados Unidos perpassa a obra de Walker, ficando evidente no episódio em que *Sofia*, símbolo da resistência à submissão ao homem negro, conforme apontamos, também tenta resistir à condição de empregada de uma mulher branca.

A questão racial parece superar a questão entre sexos na obra. *Sofia* sucumbi perante essa questão. Como forma de escapar da violência na prisão é submetida à condição de empregada de brancos. Se *Sofia* pôde escapar da submissão ao homem negro, o sistema em que as diferenças sociais são precisamente delineadas, não permitiu sua não submissão à mulher branca, enquanto sua empregada.

A obra de Walker, dessa forma, vem tratar também das diferenças de relação entre negras e brancas, denunciando a situação da mulher negra americana que além de buscar se impor enquanto mulher, em iguais condições do homem na sociedade (como também buscam as mulheres brancas, amarelas, vermelhas, etc.), busca superar o preconceito racial e sua “inferioridade” em relação à mulher branca.

4. A relação entre mulheres negras

Para a discussão nesta seção, focalizaremos a personagem protagonista do romance, *Celie*, a questão da sua sexualidade, seus anseios, por acreditarmos que através desse enfoque conseguiremos refletir de que forma a relação entre as mulheres negras na obra vai além do companheirismo na luta contra as opressões, bem como, é nessa relação e somente nela que a mulher negra parece não sofrer repressões.

Pois bem, apresentemos nossa personagem:

“Ela é feia, ele diz” (p. 18); “Você é mesmo feia, ela diz”(p.50). “você é preta, é pobre, é feia. Você é mulher.” (p.186). *Celie* vai de encontro com os modelos difundidos pelos padrões das classes dominante: sequer tem um quê de sensualidade. Os padrões de beleza são postos de lado porque estes estão para uma visão patriarcal. Há muito os moldes de beleza tem sido a tortura daquelas que buscam atingir o padrão a fim de sentir-se bem. Qualquer menção ou exaltação da beleza é substituída pelo caráter da mulher negra. Ao invés da futilidade da estética, expõe-se a feminilidade. A esse respeito, Lobo (1990, p.24) observa que

na ficção norte-americana, a idéia de beleza, que exigiria uma auto-imagem positiva, acaba sendo substituída por outros critérios, como o de feminilidade: critérios que determinam como a mulher deveria funcionar em vez de como ela deveria parecer.

A exploração, no romance, da sexualidade (a descoberta do prazer de *Celie*), do lesbianismo, torna-se fator responsável pelo tratamento do corpo feminino, à procura da construção da feminilidade. Segundo pontua Cunha (1997, p. 72) as funções específicas do corpo feminino ligadas ao sexo instigam o imaginário coletivo: menstruação, defloramento, concepção, gravidez, parto, amamentação. Apesar da exploração sexual pelo seu padrasto e

posteriormente por *Albert*, mesmo após o parto de duas crianças, *Celie* ainda não é despertada para o prazer sexual, para sua feminilidade, pois não conhece seu corpo.

Servimo-nos do fragmento abaixo, um diálogo entre *Celie* e *Shug*, em que as duas conversam sobre as relações sexuais que ambas têm com *Albert*, para ilustrar nossas considerações:

Você gosta de dormir com ele? Eu pergunto.

Gosto, *Celie*, ela diz, eu tenho que confessar. Eu adoro. Você não?

Não, eu digo, *Sinhô* pode dizer procê, eu num gosto de jeito nenhum. Como é? Ele trepa em cima da gente, levanta a camisola até a cintura e infia. Na maioria das vez eu finjo que num tô lá. Le nunca repara a diferença. Nunca me pergunta como eu me sinto, nada. Só faz o negócio dele, sai, via dormir.

Ela cumeça a rir. Faz o negócio dele, ela diz. Faz o negócio dele. Ora, Miss *Celie*. Do jeito que você fala parece que ele pensa que você é um banheiro.

É assim que eu me sinto, eu digo.

Ela pára de rir.

Você nunca gostou de jeito nenhum? Ela pergunta, espantada. Nem cum o pai de suas criança?

Nunca, eu digo.

Ora, Miss *Celie*, ela diz, você inda é uma virgem. (p.77)

Sequer a personagem reparara *Celie* em suas partes íntimas. Sua descoberta do corpo se dá a partir da interferência de *Shug Avery*. Repara, pela primeira vez:

Eu deito na cama e puxo meu vistido. Abaixo minha calcinha. Ponho o espelho entre as perna. Argh. Todo aquele pêlo. Então os lábio da minha xoxota é preto. Então lá dentro parece uma rosa molhada (p.77)

Eu olho pra ela e toco o botão cum meu dedo. Um arrepiozinho me sacode. Num é grande. Mas o bastante para mostrar que esse era o botão certo pra apertar. Talvez (p. 78)

É com *Shug Avery* que *Celie* descobre o prazer, é também por quem se apaixona. *Celie* não se vê atraída por homem algum ou não consegue sentir nada por nenhum. É a partir da relação com outra mulher que se dá a descoberta do prazer de *Celie*, que já tivera relações com dois homens e em nenhum momento tivera sentido prazer com eles.

Enquanto na visão de *Albert* e de seu padrasto *Celie* era somente vista por sua feiúra, o que condiz com uma visão atravessada por padrões patriarcais, é só o que o limitado ponto de vista do homem (machista) consegue enxergar, *Shug* explora em *Celie* sua sexualidade, é apenas com uma mulher de mesma raça que o corpo de *Celie* é explorado, de forma a promover a instigação do imaginário coletivo de que fala *Cunha*. É a partir da descoberta sexual de *Celie* que vemos seu corpo ser explorado com um quê da feminilidade e não mais como uma propriedade ou objeto destituído de sentimentos em que são feitos os *business* de *Sinhô*.

Dessa forma, retomamos a citação de Mott (1990) que inicia este trabalho: *A experiência interior de uma mulher negra, por razões sociais, nenhuma mulher branca ou homem, mesmo negro, tem*. E é nesse sentido também que se explica a cumplicidade entre as personagens negras na obra. Não há rivalidades, pois todas compartilham de experiências interiores, mesmo que com suas particularidades, que nem a mulher branca (apesar de mulher), nem, principalmente, o homem negro (apesar de negro) conseguem entender, explicar, compartilhar.

5. Considerações finais

Na breve análise realizada, verificamos que seja na relação entre a mulher negra e o homem negro, seja na relação mulher negra e mulher branca está presente a repressão. Apenas nas relações entre as mulheres negras é que vemos as libertações do corpo feminino, a efetivação da busca para uma inversão do papel de submissão em que se encontra. E a única forma de se entender o interior de uma mulher negra é sendo uma mulher negra. É dessa forma que *Celie* se liberta através de *Shug*, que conhece seu interior, tocando-a e libertando. É na relação com outra mulher (negra) que se explorada a sexualidade de *Celie*.

Da mesma forma, ninguém melhor para explorar as ansiedades da mulher negra americana do que uma autora negra americana. O cuidado com que Walker construiu seu texto, sempre tendo em vista suas origens, sua feminilidade e a condição da mulher negra na sociedade americana, confere uma legitimidade ao romance, que vai em consonância com a idéia que defendemos no presente trabalho, presente na citação de Mott que o inicia.

E pertinente destacar, ao término dessa discussão, que exaurir as possibilidades de uma obra literária acreditamos ser impossível. Impossível por acreditarmos também que é essa impossibilidade de se esgotar uma obra, impossibilidade de analisá-la por completo sem deixar lacunas, que caracteriza um texto artístico. Mesmo fazendo um recorte ao nos centrarmos na questão de como se dá a relação entre as personagens do texto de Walker, visando diferenças sexuais e raciais, as possibilidades de tratamento dessa questão longe está de ser contemplada de forma plena/satisfatória na obra, assim como, o ponto de vista aqui adotado é apenas um de um número variado que se pode tomar.

Agradecimentos: Agradecemos a leitura cuidadosa e as observações de Izabel de Fátima de Oliveira Brandão a uma primeira versão deste texto. Os erros remanescentes são de inteira responsabilidade dos autores do texto.

6. Referências

CUNHA, Helena Parente. *Mulheres inventadas I*: visão psicanalítica, descompromissada e interdisciplinar de textos na voz masculina. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

DUARTE, Constância Lima. Literatura feminina e crítica literária. In: GAZOLLA, Ana Lúcia Almeida (org.). *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. vol. 3. pp.70-9.

LOBO, Luiza. Corpo: objeto de repressão ou a auto-imagem agredida. In: GAZOLLA, Ana Lúcia Almeida (org.). *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. vol. 3. pp.20-32.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. Escritoras negras: buscando sua história. In: GOTLIB, Nádya Batella.(org.). *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. vol. 3. Pp.42-55.

WALKER, Alice. *A cor púrpura*. Trad. Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira. São Paulo: Círculo do livro, 1990.